

A BANDA DESENHADA DE HÁ 100 ANOS



Várias pranchas de Stuart in *O Quim e o Manecas contra a terrível quadrilha do Pé Fatal*, 1916. Org. Carlos Bandeiras Pinheiro e João Paiva Boléo, Círculo de Leitores, 1997.

Está aí a 20ª edição do Festival Internacional de Banda Desenhada da Amadora, que este ano se realiza de 23 de Outubro a 8 de Novembro. Nele vai estar representada a Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República, participando dia 31 de Outubro na cerimónia da entrega dos prémios deste certame, nos Recreios da Amadora, e anunciando o tema da próxima edição que, em 2010, irá homenagear o centenário da República.

Se a ilustração foi na I República uma arte pródiga que, a par da imprensa, registou grande desenvolvimento, o mesmo pode afirmar-se em relação à banda desenhada portuguesa, que praticamente nasceu sob o novo regime implantado em 1910. Um dos grandes impulsionadores e pioneiro desta nova arte foi Stuart Carvalhais, um artista que, tal como Emmerico Nunes, cultivou o desenho gráfico em diversas modalidades e, em 1915, criou histórias aos

quadrinhos, com as aventuras do Quim e do Manecas, publicadas nas páginas do *Século Cómico*, um suplemento humorístico do *Jornal O Século*.

O Quim e o Manecas eram "duas personagens que, sem complexos, assumiam qualquer tarefa para a qual fossem solicitados", conta José Pacheco no livro "Stuart – O desenho gráfico e a imprensa".

"Só até final de 1919, Quim e Manecas foram detetives, quando 'disfarçados descobriram o crime do Barreiro', revolucionários, 'quando tomaram o Governo Civil e o que mais adiante se verá', aliados dos aliados, quando 'surgiram prisioneiros dos alemães', inventores, quando criaram um novo jogo e inventaram uma granada, (...) fotografos 'através de Lisboa', entre muitas outras aventuras em que se envolveram, como refere José Pacheco na mesma obra, editada em 2000 pela Associação Portuguesa de Indústrias Gráficas e Transformadoras do Papel.

Hoje que talentos da BD haverá nas escolas? O desafio de dar nova vida à República, em banda desenhada, e em ilustração, fica aqui lançado, com votos de que surjam histórias com qualidade que possam ser editadas nas páginas da Gazeta das Escolas.



STUART CARVALHAIS (1887-1961)



"Monárquico de nascimento e republicano por opção", um "dandy e um maltrapilho", Stuart Carvalhais foi um "homem de grandes contrastes", que conseguiu ser simultaneamente "um extraordinário desenhador e um perspicaz humorista", como o caracteriza José Pacheco, no livro "Stuart – O desenho gráfico e a imprensa", editado em 2000 pela Associação Portuguesa das Indústrias Gráficas e Transformadoras de Papel.

Nascido em 1887, em Vila Real, Stuart cedo começou uma vida de andanças. Aos quatro anos, em 1891, ano da revolta do Porto, ele e a família foram viver para Espanha, em Zalamea La Real, uma aldeia da Andaluzia, onde "certamente terão tido oportunidade de ver chegar alguns dos muitos revoltosos do 31 de Janeiro", segundo José Pacheco. Mas em 1893 é de novo em Portugal que passa a residir, em Alverca do Ribatejo. E, em 1895, já estava em Montemor-o-Novo, onde a família adquirira uma propriedade agrícola.

O desenho, que havia de ser a sua forma de estar na vida, começou por lhe trazer uma reprovação, no Liceu de Évora. A disciplina escolar não o motivou especialmente quando na capital frequentou o Real Instituto de Lisboa, que deixou em 1903. Mas a linguagem plástica nunca mais o abandonou. E, em 1906, é com o desenho "Scenas de Rua" que se estreia em *O Suplemento Humorístico do Século*.

Daí por diante não mais parou. Em 1907, fez as primeiras incursões na banda desenhada, com *As Aventuras dos Meninos no Bosque* e, em 1915, surgem *O Quim e o Manecas*, que irão viver por muitos anos nas páginas do *Século Cómico*.

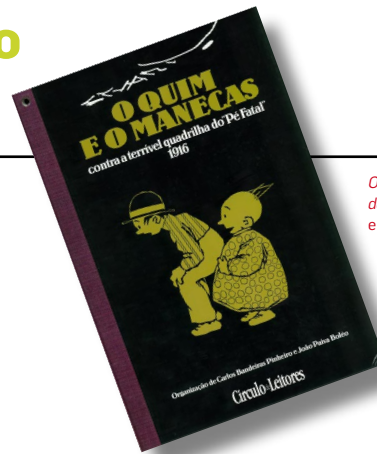
A ilustração, a caricatura e o humor levaram-no a colaborar com dezenas de periódicos e a participar em mais de uma dezena de exposições desde 1912, em que esteve no Salão dos Humoristas Portugueses, até 1949, presente na III Exposição de Arte Moderna.

Morreu pobre, em Lisboa, em 1961.



"Stuart o desenho gráfico e a imprensa", José Pacheco, 2000, APIGTP

Desenha aqui um novo amigo para o Quim e o Manecas



O Quim e o Manecas contra a terrível quadrilha do Pé Fatal, 1916. Org. Carlos Bandeiras Pinheiro e João Paiva Boléo, Círculo de Leitores, 1997.





FRANCISCO DE ALMEIDA GRANDELA (1853 – 1934)

Francisco de Almeida Grandella tinha 11 anos quando o pai, um médico de Aveiras de Cima, o mandou para Lisboa trabalhar como ajudante de uma loja, na Rua dos Fanqueiros, em Lisboa. Aí foi marçano durante três anos e, quando a firma fechou, regressou à casa paterna onde recebeu aulas de francês durante um ano. Voltou a Lisboa, como caixeiro noutra loja, onde aos 19 anos chegou a exercer funções de direcção. A queda para os negócios e o apoio de um amigo levou-o a abrir o seu próprio estabelecimento comercial, na Rua da Prata, na capital, tinha então 26 anos. A partir daí, iniciou um percurso de ascensão que o transformou num dos mais avançados comerciantes e industriais do início do século XX. À "Loja do Povo" que abriu no Rossio em 1881, juntou-se mais tarde a "Novo Mundo", na Rua do Ouro e, em 1889, fundou uma fábrica em Benfica, onde veio a construir uma vila operária, com creche para os filhos dos empregados. Influenciado pelo êxito dos armazéns Printemps, em Paris, quis criar algo semelhante em Lisboa. As obras dos Armazéns Grandella começaram em 1904, segundo um projecto de George Demay e três anos depois abriu o mais moderno espaço comercial do país. Além de investir na capital, Grandella sonhou transformar a Lagoa de Óbidos e a Foz do Arelho numa estância balnear tipo Veneza. Foi na Foz que ergueu um palacete e uma escola, das várias que mandou construir na região oeste. Mas não viu concretizarem-se os seus sonhos de filantropo e mecenas que queria transformar a sua terra de adopção na mais alfabetizada do país. Em 1934 morreu, algo solitário, na Foz do Arelho e o império que construía esborou-se poucos anos depois.

"GRANDELA E A FOZ DO ARELHO", VASCO TRANCOSO, PATRIMÓNIO HISTÓRICO, 2009

ESCOLAS DA REPÚBLICA O SALTO QUALITATIVO NO ENSINO

Há 100 anos, no final da monarquia, quatro quintos da população portuguesa era analfabeta, o que levou os republicanos a encarar o ensino como um imperativo, havendo mesmo quem sonhasse poder resolver o problema do analfabetismo em pouco mais de duas décadas. Tal não aconteceu e, em 1912, a percentagem de analfabetos rondava ainda os 70 por cento, mas é indiscutível que em

finais do século XIX, princípios do século XX, foi dada particular atenção à instrução pública, introduzidas grandes mudanças qualitativas e, em 1913, criado por Afonso Costa um ministério específico, o Ministério da Instrução Pública. Nem só o Estado interveio para tentar alterar o panorama. O ensino livre, ministrado em colégios particulares, muitas vezes por mulheres que se associaram à causa da República, também

ajudou, tal como muitos membros da maçonaria. Em 1882 foi criada a Associação das Escolas Móveis que andavam em itinerância pelo país com o objectivo de alfabetizar adultos - as "missões", como eram então designadas - e, a partir daí, multiplicaram-se as iniciativas republicanas no ensino: foram criados novos centros escolares republicanos, grémios de instrução e até uma Universidade Popular.



Grandella por Rafael Bordalo Pinheiro, 1891 / bilhete postal representando pág. de *O António Maria*, col. Vasco Tancoso.



Fachada dos Armazéns Grandella da Rua do Carmo, projectada pelo arquitecto francês George Demay.

GRANDELA, O MECENAS

Francisco Almeida Grandella, comerciante, industrial e filantropo republicano foi um dos homens que se empenhou na luta contra o analfabetismo, mandando construir novas escolas e apoiando financeiramente as "missões", que eram coordenadas por Casimiro Freire, fundador da Associação de Escolas Móveis, também ele um mecenas e, tal

como Grandella, membro da maçonaria. Das seis novas escolas que entre 1906 e 1918 foram erguidas a expensas de Francisco Almeida Grandella (Foz do Arelho, Tagarro, Nadadouro, Aveiras de Cima, Lameira de S. Pedro e Bairro Grandella, em Lisboa) há ainda duas em funcionamento: a da Foz do Arelho, recentemente remodelada

e a do Nadadouro, não longe da zona da Lagoa de Óbidos. A escola de Aveiras de Cima, a primeira construída pelo empresário, encerrou como estabelecimento de ensino em 1992 e está actualmente transformada num centro cultural e biblioteca. A escola do Bairro Grandella, em Lisboa, foi transformada na Biblioteca-Museu República e Resistência.

EXPOSIÇÕES



© Joshua Benoliel, Arquivo Municipal de Lisboa/Arquivo fotográfico

Lisboa Republicana, roteiro patrimonial

Nos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Lisboa pode ser vista a exposição "Lisboa Republicana, roteiro patrimonial", inaugurada no passado dia 5 de Outubro e que vai estar patente até dia 31 de Março de 2010, com entrada livre. Foram 100 os locais escolhidos para fazer parte deste roteiro patrimonial que está associado ao ideário republicano e abrange factos verificados antes e depois da revolução do 5 de Outubro. O serviço educativo da CML promove visitas guiadas a esta exposição (à quinta-feira e ao domingo, às 11h00 e às 15h00, por marcação prévia através de 213246290) bem como visitas aos locais associados à República (à terça-feira, às 11h00 e às 15h00 sob marcação através de 218844060), entre outras actividades paralelas. Ver mais informações em www.cm-lisboa.pt

O quê?
Onde?
Quem?



© Biblioteca Municipal de Lisboa

Quem fez a República

CELEBRAÇÕES DO CENTENÁRIO DA REPÚBLICA

Na Fundação Mário Soares, na Rua de S. Bento 160, em Lisboa, está patente até dia 13 de Novembro de 2009 uma exposição intitulada "Quem fez a República", que ajuda a compreender o que se passou há 100 anos em Portugal e como se processou a mudança de regime, da Monarquia Constitucional para a República.

Através de 15 quadros é apresentado um panorama dos principais acontecimentos que levaram à implantação da República a 5 de Outubro de 1910. Nesta exposição, que em 2010 circulará por diferentes

localidades e instituições, são revelados documentos da época, até aqui inéditos. A narrativa começa em 1900, ano da morte de Eça de Queiroz em Paris, cidade que nessa data acolheu a Exposição Universal. Percorre nos restantes painéis os principais factos que conduziram ao derrube da monarquia e mostra quem foram os protagonistas. Esta exposição, que conta com o apoio da Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República, pode ser vista na **Fundação Mário Soares** todos os dias úteis das 14h30 às 19h30, com entrada livre.



© Fundação Mário Soares

A Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República e o Instituto Camões lançam no próximo dia 3 de Novembro de 2009 a 2ª edição do curso de ensino à distância sobre a I República e Republicanismo, destinado a professores do ensino básico e secundário. O curso, com a coordenação científica de Maria Cândida Proença e Luís Farinha, investigadores do Instituto de

História Contemporânea, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da UNL, será desenvolvido através da plataforma de aprendizagem do Instituto Camões, na modalidade de curso de formação (com a duração de 25 horas e creditado com 1 crédito).

Ensino à distância para professores

Os conteúdos são distribuídos por seis módulos, onde se abordam as ideias e símbolos da República, protagonistas, factos e ideias

(1º módulo); a evolução do ideário republicano de 1906 a 1910, da ditadura de João Franco ao 5 de Outubro (2º módulo); do Governo Provisório à constitucionalização do regime, primeiros sucessos e grandes desilusões; as dificuldades económicas e agitação social (3º módulo); a entrada de Portugal na I Grande Guerra (4º módulo); o período do Sidonismo até ao 28 de Maio, 1918 a 1926 (5º módulo) e, por fim, a queda da República, o golpismo político-militar, a resistência republicana e o "revirvalho" (6º módulo).

As inscrições para o curso, cujo preço é de 100 euros, devem ser feitas na página do Centro Virtual Camões, em

<http://cvc.instituto-camoes.pt> e também acessível através do Portal das Comemorações, em www.centenariorepublica.pt



CONCURSOS 15 OUTUBRO 2009 a 26 FEVEREIRO 2010

CENTENÁRIO DA REPÚBLICA 1910-2010 REPÚBLICA NAS ESCOLAS

1 O meu blogue da República

2 A República em...

Mais informações em <http://centenariorepublica.pt/escolas>

Meio século de literatura portuguesa

Outro curso que em breve será lançado pela Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República e pelo Instituto Camões, também na modalidade de ensino à distância terá como tema a literatura portuguesa. "Refundação Pátria e Hora Europeia. Meio

século de literatura portuguesa – 1880-1930" é o título deste curso, que se desenvolverá através da plataforma de aprendizagem do Instituto Camões. O curso será ministrado por José Carlos Seabra Pereira, Professor Associado da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.



2 concursos vão premiar trabalhos das escolas

"A República em..." e "O meu blogue da República" são os temas de dois concursos recentemente lançados pela Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República, em colaboração com o Plano Nacional de Leitura e com a Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular. Ambos se destinam a premiar trabalhos concebidos e elaborados nas escolas, sob a orientação dos professores. Neles podem participar turmas dos diversos níveis de escolaridade (1º ciclo do ensino básico, 2º ciclo EB e 3º ciclo EB; ensino secundário) além de alunos a título individual, ou em pequenos grupos.

O concurso "A República em..." incide sobre projectos que se dediquem à história local. Os trabalhos apresentados deverão incluir informação relevante sobre a República, relacionada com o município a que a escola pertence, e contextualizada a nível nacional. O concurso "O meu blogue da República" vai premiar blogues sobre o tema da implantação da República Portuguesa.

O prazo de apresentação das candidaturas a estes dois concursos decorre até 26 de Fevereiro de 2010 e as condições de participação passam pelo registo no sítio Web República nas Escolas, onde se encontra disponível a informação necessária e através do qual deverão submeter as candidaturas.